

**CEDI**

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: 66

Data: 17 de janeiro de 1982

Pg.: \_\_\_\_\_

### Jari pode mudar sem problema operacional

ESP 17-01-82

LÚCIO FLAVIO PINTO.  
Enviado especial

A transferência do Projeto Jari para um grupo de empresários brasileiros liderados por Augusto Trajano de Azevedo Antunes poderá ser feita a qualquer momento, sem causar problemas operacionais à empresa. Desde dezembro sucedem-se em visita a Monte Dourado equipes enviadas pelo advogado Bulhões Pedreira, por Antunes e os demais empresários interessados no negócio, além de consultores independentes contratados para apresentar relatórios sobre a situação técnico-econômico-financeira dos empreendimentos implantados por Daniel Ludwig na Amazônia.

Na semana passada estive no Jari o que se pode considerar "grupo pioneiro" da Caemi: seis executivos com experiência dentro das empresas de Antunes em diversos setores — e especialmente na Amazônia, onde a Icomi atua há 25 anos, extraindo manganês do Território do Amapá e, agora, investindo na agricultura. Esses altos executivos da Caemi reuniram-se durante quatro dias com os dirigentes do Projeto Jari; na próxima semana devem apresentar relatórios com suas observações. Naturalmente, desses relatórios resultarão as providências práticas que a Caemi adotará para assumir o controle dos negócios.

A mudança de dono será feita sem qualquer prejuízo das atividades florestais, agrícolas, mineradoras

e industriais que se desenvolvem no Jari. Nos últimos meses, as várias equipes vem trabalhando em ritmo acelerado, para mostrar a capacidade de produção do projeto e sua viabilidade econômica. Em dezembro, a fábrica de celulose bateu o recorde de produção, atingindo em um só dia 925 toneladas e, desde então, vem mantendo níveis acima da capacidade nominal instalada, que é de 750 toneladas de pasta "kraft" por dia.

Demonstrar eficiência para garantir o próprio emprego pode ser o objetivo pessoal de vários dos membros do staff, embora já se saiba que poucos dos altos executivos de Ludwig serão mantidos, especialmente os estrangeiros. Talvez já prevendo essa renovação, a própria Jari vem progressivamente substituindo os técnicos estrangeiros por brasileiros. Mas a intenção da direção da empresa é demonstrar que o projeto, mesmo com seus altos custos financeiros e de infra-estrutura, é perfeitamente viável e constituirá um negócio rentável para o pool de empresas brasileiras. A Jari tem atualmente pouco menos de três mil empregados diretos, menos da metade de um ano antes, e um programa de racionalização lhe permitiu diminuir seus custos em 40%. Por isso, seus executivos não creem em grandes alterações com os novos donos. Ainda assim, o clima é de expectativa: ninguém quer prestar declarações antes que o quadro se defina. O que ocorrerá em, no máximo, 15 dias.